SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

AVENÇA

ANO XXXII

AGOSTO / SETEMBRO DE 1976

N.os 374 e 375

Avulso Esc. 10$00

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

Inquérito de «Sempre Pronto»

Qual a sua opinião acerca dos «Artigos de Fundo» do «Sempre Pronto»?

A notícia, dada no nosso último número, de que Sempre Pronto *suspenderia a publicação no fim do ano, surpreendeu desagradavelmente muitos daqueles Amigos a quem a publicação deste jornal há muito se vem devendo.*

Muitos são os que se nos têm dirigido pessoalmente, deplorando o acontecimento e tentando, com palavras eivadas de generosidade, demover-nos deste propósito. Propósito que, é bem de ver, não está nas nossas mãos desviar.

Apesar de estarmos a atravessar um período de férias e, portanto, em que muitos dos nossos amigos estão afastados das suas actividades normais, já temos em nosso poder alguns testemunhos da forma como o acontecimento foi encarado entre os nossos leitores.

Assim, o nosso dedicado delegado no Norte, o companheiro Jorge Dias Fernandes, refere-se nestes termos ao inquérito que o Sempre Pronto *lançou:* «Contrariando a ignorância demonstrada pelo elemento do Grupo 8, sou de opinião que a validade efectiva de qualquer jornal — seja ele diário, semanal ou mensal — está expressa nos artigos de fundo. O noticiário normal, quaisquer outros artigos ou assuntos insertos num jornal, são as mais das vezes, secundários, com um interesse muito relativo ou restrito ou, quantas vezes, quase pessoal.

Relativamente aos artigos de fundo publicados no «S. P.», apenas lhe direi que, embora leia todo o jornal, começo sempre pela coluna que a ele se refere. Sou de opinião que o artigo de fundo é essencial em cada número de *Sempre Pronto*, quer agrade, quer desagrade a um limitado número de escoteiros e dirigentes (ia acrescentar *incultos*). Peço ao estimado Companheiro o favor de não levar a sério as *vozes* de escoteiros que pretendem atrofiar e manietar (e porque não manipular?) o Escotismo em Portugal.

Aproveitando, não quero deixar de me referir à local subordinada ao título *Assim vai o Escotismo em Portugal!* Efectiva-

Continua na pág. 11

HÁ UM SÓ ESCOTISMO

A DEGRADAÇÃO DA PALAVRA

Por EDUARDO RIBEIRO

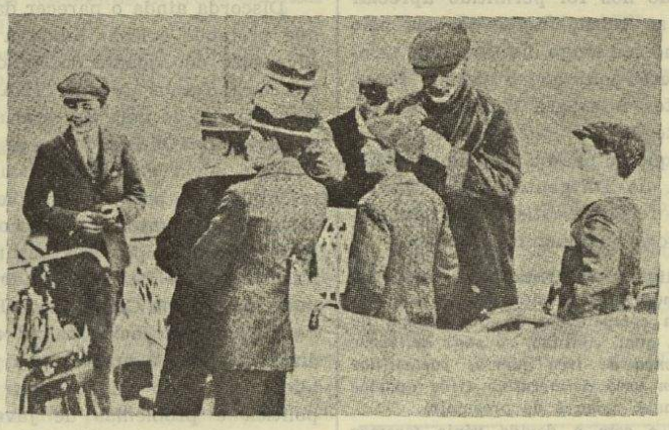
Uma das grandes tragédias da hora presente é, sem dúvida, a degradação da palavra. É terrível que tenhamos de reconhecer que frequentemente ouvimos falar, formular considerandos, fazer solenes afirmações; entendemos perfeitamente os vocábulos utilizados, mas não somos capazes de apreender o significado íntegro daquilo que nos dizem. Lamentavelmente muitas vezes as palavras servem mais para iludir a verdade do que para revelar o pensamento. Isto é tanto mais de deplorar quanto é certo que estas se enriquecem e afeiçoam com o uso, mas é o homem que voluntariamente as avilta. Melhor, a preversão dos sentimentos e das virtudes precede e força a degradação da palavra.

Vejamos o exemplo tão característico da palavra caridade, o mais belo termo que o homem poderia articular. Significa amor do próximo. Paulo, o Apóstolo, faz o seu elogio afirmando que a caridade é paciente; benigna; não se ensoberbece; não busca os seus interesses; tudo sofre; tudo crê; tudo suporta; regozija-se com a verdade; com a justiça. Que formosa gama de nobres virtudes! Pois esta excelsa palavra está hoje completamente desacreditada porque tem servido para mascarar vaidades, para humilhar o semelhante, para expressar condenáveis hipocrisias. Os tradutores do Novo Testamento diligenciam fazê-la substituir pelo vocábulo «amor», mas já este vem igualmente servindo para designar actos frequentemente despidos de qualquer autêntica generosidade.

Uma forma muito comum de degradar a palavra é a sua adjectivação. Há conveniência em aproveitar o prestígio de um termo, mas, como não agrada o seu significado absoluto, aplica-se-lhe um adjectivo. Este vai

Continua na pág. 10

BROWNSEA—DESPONTAR DE UM IDEAL



Baden-Powell e alguns dos rapazes à chegada à ilha de Brownsea. «O Chefe era a vida e a alma de todos os momentos, desde o seu primeiro encontro com os rapazes na viagem para a ilha, até à altura em que ele os viu irem-se embora para suas casas. Não consigo encontrar um episódio menos feliz no conjunto de toda a vida no acampamento. ...Tudo isso são lembranças que hão-de ficar para sempre comigo».

Vide página 5

Conferência de Dirigentes

Eu contei... e conto

O nosso prezado amigo EC Dr. Fernando de Meira Ramos envia-nos um trabalho acerca de diversos eventos ocorridos durante a recente Conferência de Dirigentes, que não publicamos na íntegra, porque seria, em grande parte, uma repetição do circunstanciado relato que fizemos no último número. No entanto, chamamos a atenção dos leitores para os seguintes passos:

A Conferência de Dirigentes da AEP terminou (...) logo após o almoço de sábado, servido a toda a aproximada centena de pessoas presentes. Não podemos dizer ao certo quantos comeram, pois não os contámos, visto sermos alheios à respectiva organização, mas cremos ter ouvido que estavam encomendados mais de cem almoços.

E terminou por inutilidade de se discutir e impossibilidade de se votar a anunciada alteração dos estatutos da AEP. Contados os presentes que participavam na C. de D. por representação estatutária, verificou-se que os possuidores do direito de voto eram apenas 25. Nós contámo-los porque nos foi dada a confiança de sermos escrutinador na eleição (ou reeleição) do presidente. Eram 25 e votaram pela reeleição 22. Mas os elementos que podiam constituir a Conferência eram 48, de modo que três quartos seriam 36, pelo que a maioria qualificada para aprovação dos estatutos teria de ser de, pelo menos, 37 presentes (1).

Logo se verificou que, com 25, se estavam muito aquém das presenças necessárias e nem mais 10 faziam número.

O que não se compreendeu, por isso, foi a sanha dos camisas azuis, e não só, contra a ausência de 10 presentes na parte da manhã, a quem as restrições e impedimentos do uso da palavra impostos pelo presidente impôs o seu afastamento como opção mais *discreta*.

Como não nos foi permitido apreciar ali e logo as considerações tecidas pelo presidente no seu longo discurso lido, também não será aqui que o iremos fazer, ficando antes à espera da sua publicação (na íntegra).

O mais que se passou naquela dirigida Conferência de Dirigentes é de tão insignificante feição escotista que não merece por agora qualquer comentário.

(1) O artigo 24.º dos Estatutos da AEP dispõe que as modificações estatutárias e a dissolução são da competência da Conferência de Dirigentes, a qual, contudo, *só pode deliberar com a presença de três quartas partes dos membros com voto deliberativo* (três quartas partes, ou mais, como é de presumir).

Cremos — e com a devida vénia fazemos esta observação — que nada ali se prevê quanto à *maioria qualificada*, pelo que a Conferência agora realizada já se encontraria em condições de deliberar, caso estivessem presentes pelo menos 36 membros com direito a voto. É que três quartas partes já são maioria respeitável... (N. da R.)

Um estranho projecto de «Associações de Menores» oportunamente rejeitado pelas Associações de Pais

O Ministério da Educação fez distribuir há tempos, por diversas entidades, o texto de um projecto de «Associações de Menores de 18 Anos».

Embora não conheçamos o referido projecto, achámos proveitosa a leitura do parecer que sobre ele foi feito pelo Secretariado das Associações de Pais, oportunamente enviado ao ministro daquela Pasta.

De facto, são muito pertinentes as reservas postas a tal documento, apesar de, como ali se diz, haver compreensão completa da necessidade da existência de tais associações. Mas uma coisa é isso e outra os termos em que elas são propostas...

Em primeiro lugar, as associações de pais perguntam como é que funcionarão associações de menores da 4.ª classe da instrução primária ou até mesmo de crianças de jardim infantil. Que ideia terão eles da personalidade jurídica que no projecto se garante a essas associações de todos os cidadãos menores de 18 anos, os quais elaborarão os próprios estatutos e livremente organizarão a sua gestão?

Mas há mais: para tais associações, prevêem-se actividades de carácter económico. E no parecer pergunta-se, e com razão, se essas actividades, que assumirão naturalmente o carácter de operações comerciais, não fazem parte da regulamentação legal do estatuto do comerciante.

Também o projecto prevê a exclusão do regime desse diploma das associações confessionais e das formalmente vinculadas ou associadas a partidos políticos. E comenta: Não se tratará de um critério discriminatório e indefinido, porque *não se estabelecem os seus parâmetros? Pergunta-se: quando é que uma associação é formalmente vinculada ou associada a um partido político? E que sucederá quando não for formal mas informalmente vinculada ou associada?*

Discorda ainda o parecer da disposição que pretende colocar ainda a política de juventude dependente do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ) e, por conseguinte, de uma Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, visto que essa política devia estar directamente sob a orientação do próprio ministro e, através deste, do conjunto do Governo.

E as várias posições assumidas pelas Associações de Pais vão sendo fundamentadas na própria Constituição Política.

Outras reticências feitas ao projecto dizem respeito à audição dos poderes públicos em tudo quanto diga respeito à política e problemas de juventude, das associações juvenis, suas uniões ou federações. Como se processaria essa audição? Pensar-se-á numa intersindical da juventude?

Da mesma forma é apreciada a disposição que prevê a criação de comissões de pais ou educadores, homologadas pelo FAOJ, nos casos de complexidade administrativa das actividades, de pouca idade dos associados, ou de actividade económica. O parecer repudia em absoluto essa intromissão do FAOJ tanto no papel que cabe aos pais na família e na sociedade, como no âmbito dos verdadeiros interesses dos jovens. E pergunta: *Estão os pais ao serviço do FAOJ para o libertar das cargas administrativas ou das responsabilidades patrimoniais que não quer para si, ou estão ao serviço dos filhos e, através deles, da comunidade em que se inserem?*

E o parecer termina com esta vigorosa afirmação: *Estamos, como sempre, abertos ao progresso da vida individual e colectiva dos nossos filhos, pois que para eles vivemos. Mas não aceitamos que alguém deles se sirva para combater os sãos princípios que defendemos e destruir a família em que acreditamos.*

Muito ponderosos os termos em que o Secretariado das Associações de Pais analisa o teor do projecto e muito oportuna a reprovação completa dos objectivos que nele parece estarem previstos, pois, como se afirma no parecer, há nesse projecto toda uma inversão do poder paternal, já que o FAOJ até se propunha a arrogar-se o direito de servir de árbitro e juiz nos conflitos entre pais e filhos! Não seria demais?

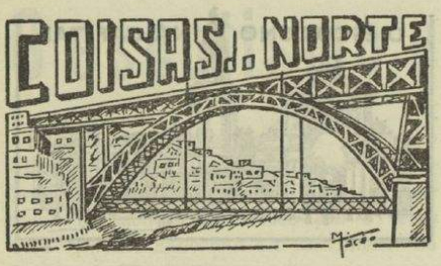
Primeira reunião da zona da África Ocidental

A primeira conferência de coordenação das associações escotistas da África Ocidental realizou-se no passado mês de Março, em Yopoung, na Costa do Marfim. Nela participaram os seguintes países: Togo, Daomé, Níger, Gabão, Camarões, Alto-Volta, Chade, Senegal, Guiné-Bissau, República Centro-Africano e Costa do Marfim.

Entre os convidados, figurava o Hon. Solomon T. Nuna, presidente do Parlamento dos Camarões e presidente do Conselho Escotista da Região Africana.

Esta conferência de «Zona» teve por fim melhorar as comunicações, a cooperação e o desenvolvimento mútuo do Escotismo naqueles países.

Desde há vários anos que está em actividade uma conferência da «zona sul», e as associações da África Oriental realizam com frequência actividades conjuntas. Ainda no quadro dos objectivos fixados pelo conferência, realizou-se na Costa do Marfim um seminário preliminar de formação para chefes originários desses 11 países.



Novos Grupos no Norte da A. E. P.

Certamente que os dirigentes de alguns grupos de escoteiros da Região do Norte, recentemente inaugurados, ficarão surpreendidos pelo facto de somente referirmos, em local separado, as inaugurações dos Grupos 43 e 49. Se tal acontece, deve-se ao facto de nunca termos recebido quaisquer convites, ou informações, no sentido de efectuarmos as respectivas reportagens para o «Sempre Pronto».

Jambori no Ar

Verificou-se que a actividade do XVIII Jambori no Ar foi tratada, por parte de alguns grupos desta Região, como um trabalho sem interesse. Apesar de se terem estabelecido certos e definidos princípios de trabalho, estes não foram devidamente cumpridos pela maioria dos responsáveis. Assim, pensamos não ser possível realizar um trabalho válido desta actividade.

Grupo n.º 91

Este grupo levou a efeito, no dia 13 de Junho, um passeio até à Murtosa. Tomaram parte neste passeio todos os componentes do grupo e familiares, bem como o chefe da Região do Norte e presidente da Direcção do 91, E. C. Arnaldo Eduardo Couto, e família, num total de 50 pessoas. A concentração fez-se na sede do grupo, de onde seguiram, em caravana automóvel, a caminho da Murtosa. Ali chegados, embarcaram num barco salineiro, que os transportou aos locais de salinação, curiosamente visitados.

Antes do almoço, o barco atracou na Torreira, onde os solteiros e casados disputaram um desafio de futebol, que serviu como aperitivo para o repasto. Embora já barrigudos, ou com as pernas um tanto emperradas, os casados conseguiram vencer o encontro, perante a inoperância dos solteiros. Seguiu-se o almoço, servido a bordo do salineiro, a que todos os presentes prestaram as devidas honras.

Foi um passeio de alegre convívio, que serviu para unir ainda mais a família escotista do 91.

Casamentos

No dia 6 de Março, efectuou-se o casamento de Fernando Rui Morais Soares, antigo escoteiro do Grupo 15, com Ivone Maria Neves Freire Rocha, sendo o noivo filho de D. Maria Isabel Morais Soares e de António Couto Alves Soares e a noiva de D. Bernardina Neves Freire Rocha e de António Freire da Rocha. A cerimónia religiosa realizou-se na Igreja Evangélica de S. João Evangelista, em Vila Nova de Gaia, tendo apadrinhado o acto os pais da noiva e, por parte do noivo, a D. Lucília Morais Fernandes e Jorge Dias Fernandes, ambos elementos do Grupo 15.

Também no dia 27 do mesmo mês de Março, se realizou o casamento de Mamede Orlando Teixeira Martins, Chefe do Grupo 91, filho de D. Maria Fernanda Teixeira Martins e de António Mário Martins, com Maria da Graça Morais Fernandes, instrutora do Grupo 15, filha de D. Lucília Morais Fernandes, chefe-adjunta de alcateia do Grupo 15, e de Jorge Dias Fernandes, nosso correspondente no Norte e Chefe dos Serviços Administrativos do Grupo 15.

Apadrinharam o acto religioso, por parte da noiva, os seus tios e padrinhos de baptismo D. Maria Aurora Raimundo Fernandes e Henrique Dias Fernandes, e por parte do noivo, D. Margarida Araújo Couto e Arnaldo Eduardo Couto, escoteiro-chefe da Região do Norte dos Escoteiros de Portugal.

Dirigiu a cerimónia religiosa, que se efectuou na Igreja Evangélica Lusitana do Redentor, o Rev. Vidal Vieira dos Santos, ministro daquela Congregação, e que foi chefe do Grupo 15, chefe do Núcleo do Porto dos Escoteiros de Portugal e actual secretário da Região do Norte.

Aos dois casais desejamos um futuro muito auspicioso e fazemos votos de que os seus lares sejam repletos das bênçãos de Deus.

J. D. F.

O Grupo n.º 41 — AEP — de Vila Nova de Gaia tem nova Direcção

O Grupo n.º 41 dos Escoteiros de Portugal, com sede no Prado, em Vila Nova de Gaia, tem nova Direcção, assim constituída: Presidente, Arnaldo Eduardo Couto; tesoureiro, José Maria Magalhães; Secretário, João Ribeiro Pires; representante dos pais dos Escoteiros, Alfredo Constantino da Silva Moreira. O chefe do grupo é o conhecido dirigente Horácio José Paiva. — Da O. de S. n.º 11/75.

Grupo n.º 17 — AEP — Porto

Esta unidade dos Escoteiros de Portugal, que tem a sua sede na Rua José Falcão, 95, anexa à ACM, admitiu recentemente três novos elementos e esteve presente na inauguração do Grupo 49, de Lamego, bela jornada escoteira, que permitiu alargar o âmbito das amizades. O grupo participou também num grande jogo organizado pelo Agrupamento 228 do CNE.

A Patrulha Falcão venceu um concurso interpatrulhas que o «17» fez disputar com grande entusiasmo.

Os caminheiros Manuel Maria Rodrigues Braga e Agostinho Fernandes Quaresma foram louvados pela chefia em virtude da acção desenvolvida. Os escoteiros Joaquim José Moreira Alves e subguia José Maria Ferreira da Barra foram nomeados, respectivamente, guia e subguia da Patrulha Andorinha.

O Grupo n.º 17 lança apelo a todos os grupos para que enviem notícias e marchemos em frente no apoio a «Sempre Pronto».

Não podemos deixar desaparecer o nosso «Sempre Pronto»!

A. T. C.

Crise de relações Organizador Nacional — Presidente da AEP

O Organizador Nacional, o EC Justino Estêvão da Silva, apresentou recentemente o pedido de demissão das funções que desempenha, alegando, para tal, desinteresse que o Presidente da AEP tenha manifestado por esta actividade escotista mundial.

Afinal, após ter sido clarificado o diferendo, parece ter-se concluído que os pretextos que estavam na origem da crise não se confirmavam na totalidade, motivo por que o pedido de demissão ficou em suspenso até uma troca de pontos de vista entre as duas partes, o que, é de crer, já não vá pôr em jogo a realização do próximo JOTA.

Os Concursos do XVIII Jota

Foram finalmente anunciados os resultados dos dois concursos promovidos na altura do último JOTA.

Os grupos premiados são os seguintes:

Concurso do Melhor Relatório

1.º — Grupo 47 AEP (Amadora)
2.º — Agrupamento 119 CNE (Coruche)
3.º — Grupo 52 AEP (Angra do Heroísmo)
4.ºs — Agrupamento 44 CNE (Tomar) — Grupo 24 AEP (Funchal)
6.º — Agrupamento 107 (Ponta Delgada).

Concurso da Melhor Fotografia

1.º — Grupo 23 AEP (fot. de Justino Estêvão de Oliveira e Silva)
2.º — Agrupamento 107 CNE (fot. de Kid Penha Vermelha)
3.º — Agrupamento 66 CNE (fot. de Carlos Alberto Maurício).

Parecem-se as palavras com as folhas das árvores; quando há muitas, raro é ocultem muitos frutos.

POPE

Dizer bem para pensar melhor

Enviesar

Constantemente, chega aos nossos ouvidos o estranho termo *enviusar*. Em especial na linguagem desportiva, é comum ouvir-se que o jogador *F. fez um remate enviusado*. Ora, tal palavra é, nem mais, nem menos que a corruptela de *enviesar*. E porquê enviesar? Significa esta palavra *colocar de esguelha, obliquamente, diagonalmente, atravessadamente*. Ou, melhor: *de viés*. Daqui *ENVIESAR* e não *enviusar* como tantas vezes se ouve. Mas qual o sentido de *viés?* As modistas sabem-no perfeitamente. Trata-se de uma tira estreita de tecido, cortada obliquamente da peça, dobrada e cosida longitudinalmente, que serve para vestidos e outras peças do vestuário feminino. É o que se pode ver em qualquer dicionário na enciclopédia. Significa também obliquidade. Portanto, já se vê: é evidente que tem de ser *ENVIESADO,* ou a lógica é uma batata.

Alvoroçado

Embora se possa também dizer *alvoraçado,* salta à vista que *ALVOROÇADO* é que está bem. Portanto, é preferível dizer *o povo estava alvoroçado,* porque esta última é uma palavra derivada de *ALVOROÇO* (inquietação, sobressalto, pressa, perturbação, etc.). Por isso, devemos estar alvoroçados em extirpar da Língua Portuguesa as palavras menos correctas. Isto é: *extirpar* (arrancar até à raiz, exterminar, extrair) e não *estripar* (tirar as tripas, rasgar, abrir o ventre). Credo!

Santuário

Os jornais diários raramente são preparados com aquele cuidado que seria mister. Mas a luta contra o tempo, disso inibe os responsáveis. Também a tradução dos telegramas das agências não é feita com maior cautela. Daí, às vezes, as palavras serem apenas substituídas por outras, de morfologia semelhante em português, mas com um sentido completamente diverso. Está neste caso o termo inglês *sanctuary,* que se pode traduzir em português, evidentemente, como *lugar sagrado, templo, grande igreja.* Mas que também é um *lugar de refúgio ou protecção, asilo.* Isto porque, originariamente, os que fugiam à justiça, ficavam imunes da sua acção, caso conseguissem alcançar uma igreja ou outro local sagrado.

Ora quando se diz que *a aviação ainda não atingiu os santuários em que se acoberta parte das forças inimigas,* não se trata, como é de ver, de lugares sagrados, mas de *redutos, de lugares onde essas tropas se encontram refugiadas.* Percebido?

PELOS GRUPOS

Grupo N.º 48 — Damaia

Comemorações do 1.º aniversário

Este grupo comemorou o seu 1.º aniversário com várias cerimónias festivas nos dias 17 e 18 de Julho p. p.

No dia 17, à noite, foi inaugurado um acampamento nos terrenos da futura sede.

Antes do fogo do conselho, discursaram o sr. Amaro Espírito Santo, vice-presidente da Câmara de Oeiras, e um representante da comissão de moradores, os quais tiveram palavras de muita simpatia para o nossso movimento e, especialmente, para este grupo.

No dia seguinte, logo de manhã, foram investidos nos seus cargos os seguintes dirigentes: D. Alda Jesus Marques (chefe da alcateia), Luís Guilherme Marques Pinto (chefe da tribo), Vítor Vinagre (adjunto do chefe da tribo) e Luís António de Oliveira Cardoso (chefe do clã).

O José Maneiras, Paulo Adão, Luís Rocha, Vítor Manuel, Maria Leonor e Helena Cristina fizeram, em seguida, a promessa como lobitos ou fadinhas.

Após este acto, prestaram compromisso os novos escoteiros e aquelás: Humberto Lourenço, Paulo Rebocho, Pedro Miguel, António Policarpo, José Lima, José Filipe, Carlos Gonçalves, Hélder de Sousa, Carlos Costa, João Sequeira, Dulce Marina, Maria Paula, Laura Costa, Hermínia Januário, Maria Teresa Ferreira, Maria do Rosário Maciel, Maria de Fátima Rocha, Ana Maria Afonso e, como caminheiro, Rui Adão Soares.

Outros membros do 48 ratificaram o compromisso de honra.

À tarde, no ginásio da Escola de Ferreira de Castro, realizou-se uma festa escotista, com entrega de prémios, variedades e o filme escotista *O Jambori da Amizade.* Depois, foi oferecida uma merenda aos convidados, escoteiros e familiares.

Do programa, faziam parte vários números a cargo do Grupo Coral de S. Jorge e dos escoteiros do Grupo 47 da Amadora.

Nesta reunião, estiveram presentes os representantes da Câmara, da Junta de Freguesia da Amadora, da Associação dos Amigos da Damaia, da Comissão de Moradores da Zona Sul e do Sport Futebol Damaiense.

Notou-se a ausência do representante dos Serviços Centrais e do Chefe Regional.

Grupo N.º 46 — Moimenta da Beira

II Acampamento de Confraternização Escotista

Promovido pela patrulha *Águia* deste grupo, realizou-se, nos dias 30 e 31 de Julho e 1 de Agosto últimos, este acampamento, que se revelou proveitosa iniciativa do ponto de vista de camaradagem e de convivência entre escoteiros e escutas.

O programa, bem elaborado, não foi, contudo, cumprido à risca, por causa da tardia chegada de alguns dos contingentes e, sobretudo, pela grande falta de água que se faz sentir nesta vila.

Presentes, além da patrulha *Águia,* a organizadora, ainda a patrulha *Raposa,* também do 46, o agrupamento 164 do CNE, também de Moimenta, com a patrulha *Falcão,* o agrupamento 282 (CNE) de Godim, com a patrulha *Cão de Fila,* e o Grupo 49 (AEP) de Lamego, com as patrulhas *Mocho, Castor* e *Águia,* além de três equipas de caminheiros. No último dia, também as presenças dos lobitos e «escoteiros» do 49.

Nos jogos escotistas, revelou-se a experiência do agrupamento de Godim, que ganhou com 185 pontos, brilhantemente, seguido da patrulha *Raposa,* com 179, e da *Mocho,* com 158 pontos.

Depois da entrega dos prémios, um momento que a todos o encheu de emoção foi a da cerimónia do encerramento, em que todos entoaram o *Adeus!* e expressaram o desejo de que a III confraternização seja ainda mais convivente, se possível.



Grupo N.º 31 — Lisboa

Seguro escoteiro

Este grupo está a desenvolver uma campanha tendente a que todos os seus membros possuam o seguro escoteiro, logo que a sua admissão seja efectuada.

Curso de primeiros socorros

Com o apoio da Cruz Vermelha Portuguesa, este grupo está tentando levar a efeito um curso de primeiros-socorros, em que possam participar escoteiros, e escutas e guias. Nesse sentido, os seus dirigentes pedem a todos os interessados nesta iniciativa que se manifestem com a maior brevidade, a fim de se concretizar o plano que vai ser estabelecido.

O Grupo 93, de Sintra, galardoado com um prémio de prontidão

Não foi possível, por falta de concorrentes, levar por diante o concursso «A Defesa do Meio Ambiente» com que *Sempre Pronto* pretendia comemorar a passagem do XXX aniversário.

Realmente, só os escoteiros do Grupo 93, da risonha vila de Sintra, se mostraram interessados em participar nesse certame, o que prova a incapacidade da maior parte dos nossos grupos de escoteiros de se dedicar a actividades que vão além de meros passatempos rotineiros e de velhas e estafadas formas de gastar o fim-de-semana.

Sempre Pronto, deplorando o facto, quis premiar o espírito de iniciativa e a prontidão com que os rapazes de Sintra responderam ao nosso apelo, com o que mais uma vez demonstraram o interesse que este jornal lhes tem merecido. Assim, foi oferecido àquela Grupo o excelente manual *O nosso gravador,* da colecção Verbo Juvenil.

O escotismo e a crise social

Em 1935, realizou-se em Lisboa o I Congresso da Juventude Evangélica Portuguesa, durante o qual o EC David Baudouin apresentou uma tese sob o tema O Movimento Escotista e o Movimento da Juventude Evangélica.

Porque muitos dos problemas abordados conservam significativa actualidade, vamos transcrever alguns dos trechos desse trabalho, com o que pretendemos prestar homenagem à memória deste dedicado dirigente escotista, recentemente desaparecido do nosso convívio.

De volta à sua Pátria, para descansar de uma heróica e gloriosa batalha pela civilização e progresso das plagas selvagens e longínquas das colónias britânicas, Baden-Powell ficou tristemente surpreendido com o estado de espírito dos seus compatriotas de Londres — fracos, indisciplinados, egoístas, falhos de carácter, eram de um flagrante antagonismo com os povos que acabava de deixar.

Atribuindo aquela decadência moral à vida artificial de excessivo conforto que se leva nas grandes cidades, onde os mil inventos que a ciência moderna tem posto à disposição do homem vão dia a dia diminuindo o seu esforço, e ainda aos efeitos de um sistema de educação pernicioso por sua sedentariedade e exclusivismo intelectual, achou que o melhor remédio a aplicar seria conduzir os seus compatriotas a uma vida completamente oposta à que levavam, retirando-os das cidades, do ambiente intoxicado, para os trazer para o campo, obrigando-os à prática sistemática de todos os exercícios físicos.

E assim, aproveitando os ensinamentos de seus pais, a experiência da sua juventude activa de desportista e dos seus longos anos de colonial, revivendo o êxito formidável de um pequeno batalhão de rapazes que utilizara em serviços ligeiros no cerco da cidade de Mafeking, aquando da guerra Anglo-Boer, e auscultando sabiamente as falhas de carácter do povo, idealiza um extraordinário método activo de educação integral, perfeitamente adaptado às condições e às mais imperiosas necessidades e aspirações da criança e do adolescente, e orientado por um nobre ideal moral, cujo programa submete com aplauso unânime à apreciação das maiores capacidades pedagógicas da Europa, e de que inicia uma activa propaganda, quer na imprensa, quer por meio de conferências realizadas nas principais cidades do Reino Unido.

O homem, para realizar plenamente o ideal da vida como a concebe a nossa civilização ocidental e cristã, está obrigado a quatro espécies de relações que implicam outros tantos tipos de atitudes: atitude para consigo próprio, atitude para com a sua Pátria, atitude para com a humanidade e atitude para com Deus, como o faz Baden-Powell.

E da incompreensão de que assim é de facto, resulta incontestável e incontestadamente a grande crise moral e económica — porque esta é apenas um efeito daquela — que neste momento avassala o mundo.

Se analisarmos detidamente a vida social em todas as nações de hoje, lá encontraremos, mais ou menos nitidamente esboçada, a falta de uma consciência superior baseada numa forte disciplina pessoal, que foi, é e será sempre, a origem de toda a prosperidade e bem-estar dos povos: — a irreligião, a indisciplina, a irresponsabilidade, a falta de patriotismo, o egoísmo, a corrupção, o desprezo pelo próximo, a crueldade, a prodigalidade e a pobreza, a vaidade e o roubo, a falta de moralidade pública, o jogo e as doenças e a fraqueza mental e física, assentam hoje arraiais vastíssimos em todas as nações do mundo.

E, porque assim o viu com uma nitidez extraordinária, Baden-Powell, ao criar o seu método educativo com o fim de regenerar a mocidade inglesa, então numa decadência física e moral aterradora, indica à sua acção os seguintes fins imediatos:

Desenvolvimento sistemático do carácter, por meio de boas companhias, culto da honra e do dever, disciplina pessoal, economia, sentimento da responsabilidade, trabalho manual, estudo de Deus pela natureza, alegria e prática de uma religião, lealdade e altruísmo — tudo orientado no sentido da criação de uma consciência superior;

Desenvolvimento sistemático da saúde, por meio de uma vida sã ao ar livre e secundada pela prática de todos os exercícios físicos, pela prática da higiene orientada no sentido da debelação do precário estado de saúde dos povos, da mortalidade infantil e da fraqueza mental e física;

Fazer do indivíduo um cidadão activo e feliz;

Levar o indivíduo a trabalhar em proveito da sociedade, transformando-o num autêntico valor social;

Reforçar, pela fraternidade, os laços morais e espirituais da sociedade;

Criar, pela mesma fraternidade, uma atmosfera de simpatia internacional, que seja um passo para a Paz permanente.

No Verão de 1907, Baden-Powell faz a primeira experiência do seu método com 24 rapazes de todas as classes sociais — entre eles havia filhos de duques e filhos de cozinheiros — acampa com eles durante alguns dias e obtém os mais belos resultados; tão bons que, a pedido insistente de quantos os haviam constatado maravilhados, resolve torná-los públicos, divulgando-os num livro que fosse, por assim dizer, a cartilha do *Scouting* (Escotismo), designação que deu ao seu método.

Em Maio de 1908, publicado com o título de *Scouting for Boys*, este livro alcança tão extraordinário êxito em Inglaterra, que é ele, depois da Bíblia, o livro de que se tem tirado maior número de exemplares, não tardando muito que se tornasse conhecido no mundo inteiro e fosse traduzido em todos os idiomas.

A influência deste livro foi verdadeiramente maravilhosa; por todos os lados surgem grupos de Escoteiros.

Em 1909 organiza, no Palácio de Cristal de Londres, a primeira grande concentração de Escoteiros, no total de 10 000 rapazes.

Com o ano de 1929, vem depois a consagração definitiva de Escotismo. De 13 de Junho a 13 de Agosto, efectua-se em Arrow Park, próximo de Liverpul, o 3.º Jambori Internacional, subindo a 42 o número de nações representadas, num total de 50 000 Escoteiros, cujo desfile, em franca confraternização, constituiu um espectáculo grandioso, inédito e significativo — rapazes de todas as condições sociais e de todas as religiões, formam uma só família.

E o triunfo do Escotismo continua, chegando adesões de toda a parte do mundo.

São os educadores, os poetas, os literatos, os chefes de estado, os generais, os pastores protestantes, os sacerdotes católicos, os filósofos, que vêm para ele de braços abertos, dizendo afirmações como estas: o Escotismo é beleza: o Escotismo é uma escola de cultura não só física mas mental e moral; o Escotismo forma homens e, ainda mais, heróis; o Escotismo é mais que um método educativo, é uma religião.

LXI Poemeto filatélico

Diante dum selo novo,
deste ano de 76, que
por si mesmo fala.

Colher de pau: corres mundo
num lindo selo postal.
Um pensamento profundo
tu trazes, de Portugal.

Se é certo que o mundo ingrato
quer riscar o luso signo,
terá no artesanato
um destino humilde... e digno.

Que jeito belo, de encanto,
no cabo dessa colher!
a Ruskin não causa espanto
isto que te quis dizer.

EDUARDO MOREIRA

NOTA — Estou alegre por saber que um jovem coleccionador resolveu colocar cada poemeto junto do selo respectivo, no seu álbum.

BROWNSEA — O DESPONTAR DE UM IDEAL

Há duas coisas que sempre tenho lamentado — diz Percy Everett no seu livro «Os Primeiros Dez Anos», a que já nos referimos —: *Nunca ter escrito um diário e nunca ter sido amador de fotografia. Como teria sido bom para mim e quantas outras vívidas histórias eu poderia contar desse memorável acampamento da ilha de Brownsea, se tivesse registado as minhas memórias por escrito e em imagens!*

Na opinião de E. E. Reynolds, a ilha de Brownsea não era o local ideal para a realização daquele acampamento, embora se tratasse de uma ilha muito arborizada, o que compensava, até certo ponto, as desvantagens que tinha. Não pensa assim Everett, o qual considera Brownsea um sítio ideal para servir os objectivos em vista.

Tem cerca de duas milhas de comprimento, por uma de largura, — escreve ele. — *Possui áreas densamente arborizadas e dois lagos no centro e fartura daquilo a que nós agora podemos chamar «um bom local para escotismo». A sul, era a costa arenosa, onde o acampamento foi montado.*

Para B.-P., o local ainda reunia outro factor recomendável: era o isolamento, garantido pela sua situação, o que tornava quase inacessível a incursão de forasteiros e de homens dos jornais, pessoas de quem o chefe queria manter afastado o acampamento, a fim de evitar interrupções nos trabalhos.

Parece que foi um amigo de B.-P., Charles Van Raalte, que pôs uma parte da ilha à disposição do Fundador, para a realização da actividade. Encontrado o local, B.-P. entregou-se aos preparativos para o grande acampamento, essa experiência prática a que ele queria submeter as suas teorias. Brownsea vinha concretizar as aspirações com que ele há muito tempo sonhava.

Relata Everett:

O Chefe escolheu os rapazes, vinte ao todo, filhos de amigos de Eton e doutras escolas públicas, rapazes pobres do East End de Londres e alguns jovens de uma escola secundária da vizinha cidade de Bournemouth, recrutados por G. W. Green, de Poole, um homem que há anos se interessava por actividades com jovens da sua cidade natal.

Na variedade desta escolha, vê-se claramente a intenção de B.-P. em que o grupo fosse constituído por rapazes dos mais variados estratos sociais, desde os recrutados nas altas esferas, os provenientes do colégio de Eton, um dos mais afamados da Inglaterra, até aos provenientes dos mais humildes subúrbios londrinos, os de East End, passando por habitantes de uma cidade provinciana, os da escola secundária de Bournemouth.

Um dos bons colaboradores que B.-P. descobriu foi Henry Robson, capitão da *Boys' Brigade*. Mas os seus mais lídimos auxiliares foram, sem dúvida, aqueles que o acompanharam inclusivamente durante os dias de Brownsea: o major Kenneth Maclaren, oficial subalterno que pertencera, como B.-P., ao 13.º regimento de Hussardos, e, sobretudo, o próprio Percy Everett, que ali viu, pela primeira vez, o escotismo em acção, e ainda um sobrinho do Fundador, Donald Baden-Powell, que desempenhou, com inteiro agrado do Chefe, o papel de ordenança, visto ser o responsável não só pela transmissão das ordens de B.-P., como também pela verificação da forma como as mesmas eram cumpridas.

Vejamos, porém, como Everett aprecia a sua participação:

Durante o Verão, ajudei a arranjar material e a fazer os preparativos para a reunião de rapazes na ilha de Brownsea. Fiquei, contudo, radiante quando o Chefe me pediu que o acompanhasse e lhe desse ajuda no acampamento.

Posso concordar que, para tal, as minhas únicas qualificações fossem, em primeiro lugar, a minha identificação com duas das organizações de juventude patrocinadas por Pearson e, em segundo lugar, pelo facto de ter sido criado numa herdade, portanto, conhecedor da vida aprazível no campo.

No que diz respeito, porém, à parte técnica do escotismo — sinalização, nós, improvisação de abrigos, pistas, trabalhos e organização de acampamentos — eu era completamente leigo.

Não obstante tudo isso, o Chefe fez-me ver como eu podia ser útil e fiquei satisfeitíssimo por ter a oportunidade de tomar parte nesse notável acampamento.

Os rapazes chegaram à ilha no dia 25 de Julho de 1907 e ali permaneceram 15 dias.

Os rapazes, em número de vinte, foram divididos em grupos de cinco — a patrulha — cada qual recebendo o nome de um animal: a patrulha *Lobo*, a *Maçarico-Real*, a *Touro* e a *Corvo*.

Os programas foram antecipadamente delineados. Cada dia era dedicado a um dos capítulos das actividades previstas no sistema concebido por B.-P.: campismo, observação, estudo da vida dos animais e das plantas, cavalheirismo, primeiros-socorros, patriotismo, jogos, etc.

Eis o que nos diz o Fundador acerca do método adoptado:

Os grupos de rapazes foram divididos por patrulhas de cinco, nas quais o mais velho era o guia. O segredo do nosso êxito foi a organização. Cada guia era totalmente responsável pela sua patrulha, no acampamento e nas actividades. A patrulha era a unidade de trabalho e dos jogos e cada uma delas acampava separadamente. Os rapazes deviam, sob sua honra, obedecer ao seu guia. Foi assim que o sentido de responsabilidade e de emulação nos concursos foi imediatamente estabelecido e assegurado um elevado nível de eficiência, dia após dia, em todo o grupo.

À tarde, era designada uma patrulha para o «piquete da noite», a qual preparava os géneros alimentícios, após o que seguia para o local escolhido para o bivaque.

Cada rapaz possuía um casacão, cobertores, marmita e fósforos. Chegados ao local, acendiam as fogueiras e cozinhavam a ceia. Depois da refeição, as sentinelas ocupavam os postos previamente designados e o bivaque era organizado. Os guias vigiavam as sentinelas, o que B.-P. também fazia um pouco antes das onze da noite. Depois, eram retiradas as sentinelas e o piquete nocturno tomava as suas posições. Na manhã seguinte, voltava ao campo, a tempo de tomar o pequeno-almoço.

Descobrimos que a melhor forma de fornecer uma instrução teórica — diz ainda B.-P. — *era a de a apresentar em curtos capítulos e ilustrada com numerosos exemplos, conversando familiarmente à volta do fogo do conselho e fazendo demonstrações na altura do trabalho prático, antes do primeiro-almoço. Uma leitura muito séria satura facilmente um rapaz. A teoria era em seguida aplicada por meio de um concurso. E o sistema foi indo muitíssimo bem.*

Pela manhã, os acampados acordavam ao som do chifre do cudo que B.-P. capturara durante a campanha dos Matabeles. O acampamento tinha, por isso, aspectos pitorescos.

Continua na pág 10



Marcas comemorativas do «Dia do Escotairo»

Têm merecido encomiásticas referências de especialistas as três marcas comemorativas do *Dia do Escoteiro*, iniciativa dos Grupos 23, 24 e 52, respectivamente de Queluz, Funchal e Angra do Heroísmo.

Na revista *Franquia*, no seu número de Maio último, diz-se textualmente: *Não queremos deixar de voltar a chamar a atenção para o nível artístico dos desenhos criados para o Dia do Escoteiro. Em qualquer deles, a arte e o dinamismo são uma constante (...) falam-nos mesmo de escoteiros.*

A secção *Filatelia* do *Diário de Notícias* de 1 de Maio último, expressava assim a opinião: *Congratulamo-nos pelo facto de os escoteiros de Portugal continuarem a seguir as desejáveis normas da marcofilia nestas iniciativas, ao proporem, para as suas marcas postais, maquetas de verdadeiro bom gosto. Esperamos pois que se tenham abandonado definitivamente os desenhos em que aparecia, unicamente, a tradicional flor-de-lis.*

«Carimbos comemorativos de eventos escotistas»

Já há alguns anos que Justino Estêvão da Silva vem editando, com uma meticulosidade digna de realce, uma resenha dos carimbos comemorativos, criados por altura de acontecimentos escotistas, cuja última edição, actualizada, saiu recentemente.

Pois o seu esforço foi reconhecido na 2.ª. Mostra Internacional Scout, que se realizou em Maio em Cinisello Balsamo (Milão), em Itália, que lhe outorgou uma medalha de prata.

Autorizada a reprodução dos selos da emissão da «18.ª Conferência Internacional de Escotismo — 1961»

Os CTT responderam afirmativamente ao pedido de autorização, feito por Justino Estêvão da Silva, para a reprodução dos selos da Conferência Mundial do Escotismo, desde que se respeite o que está determinado no artigo 52.º do Estatuto do Selo Postal.

A filatelia escotista no caminho da amizade

Cidade de São Paulo. Colossal metrópole de mais de 12 milhões de habitantes. Uma tarde de sexta-feira. Numa estação dos Correios, alguém pergunta à empregada: «*Tem alguma novidade comemorativa?*» «*Não*», responde ela. Quem fizera a pergunta, desabafa: «*Não me enviaram o* Boletim Filatélico, *de modo que estou voando a respeito de novidades*». Um desconhecido que estava ao lado, oferece gentilmente: «*Posso-lhe ceder o* Boletim 22. *Tenho dois números*». O primeiro interlocutor recusa, agradecendo: «*Já fiz a reclamação, obrigado!*» Mas, olhando para o sobrescrito que o outro desconhecido estava selando, redargúe, supreso: «*Esse Justino Estêvão da Silva não é o de Queluz?*» «*É* — responde o outro — *é o homem do Jambori no Ar*».

Assim, um feliz acaso permite que se estabeleça a amizade entre dois desconhecidos, mas que tinham entre eles um vínculo — o escotismo. Geraldo Norberto Freire Braga é um veterano escoteiro-chefe, que pertence do 1.º Grupo de S. Paulo. Joaquim F. Quinteiro é um português que foi para o Brasil há 30 anos, quando tinha apenas 4 de idade.

Após este inesperado encontro, inicia-se então *aquela conversa de filatelista que não tem fim*. Quinteiro faz questão de levar, no seu automóvel, o novo amigo a casa. Ali, Braga mostra as suas colecções: Portugal, ex-colónias, França, Vaticano, Brasil. «*Contei a ele a minha recente estada em Portugal e da saudade que tenho desta viagem*».

Já muito tarde, Quinteiro regressa a casa. Pensa no tempo que esse encontro lhe fez perder, mas conclui que essa perda só lhe causou «*alegria, satisfação, contentamento, felicidade, etc., etc., etc.!*»

O escotismo, o grande «culpado» destas coisas.

4.º Seminário de Desenvolvimento Comunitário Ásia-Pacífico, realizado em Hong-Kong

Hong-Kong acolheu um outro seminário de desenvolvimento comunitário, organizado pelo Conselho Mundial.

Os 84 participantes e observadores eram provenientes de 11 organizações escotistas. Estavam também presentes sete outras organizações de juventude de Hong-Kong.

Enquanto a maioria dos seminários de desenvolvimento comunitário são orientados, em grande parte, para o desenvolvimento do escotismo nos meios rurais, o de Hong-Kong focou essencialmente a necessidade do escotismo no seio das comunidades urbanas com grande densidade populacional.

Como nos outros seminários, os participantes regressaram às suas actividades locais prontos a multiplicar as experiências adquiridas nos cursos de formação.

O EC Eng.º Nobre Santos despede-se dos escoteiros, ao abandonar o cargo de Escoteiro-Chefe Geral Adjunto

O nosso estimado companheiro Eng.º Nobre Santos acaba de distribuir um número extraordinário da publicação «N. N. D.» em que se despede dos escoteiros por motivo da sua demissão do cargo que há vários anos desempenhava.

Após fazer um breve relato do que foi a sua vida e acção dentro do movimento, Nobre Santos refere que, após a eleição do novo presidente em 1974, na AEP se passou a contestar tudo ou quase tudo o que se tinha feito e do que se vinha fazendo. «Faz-se bastante tábua rasa daquilo que levou tanto esforço e tantos anos a pôr em marcha, pouco se ouvindo da parte dos que foram dos principais obreiros daquilo que se contesta». Embora tentando lutar contra esse estado de coisas, Nobre Santos acabou por chegar à conclusão de que devia dar oportunidade aos outros. E assim decidiu deixar o lugar.

Depois de agradecer a todos que o acompanharam e auxiliaram no desempenho do cargo, Nobre Santos termina por se referir às novas perspectivas que se abrem ao Escotismo em Portugal, perguntando se a AEP estará em condições de desempenhar essas tão necessárias funções. Faz votos de que seja assim, com a reserva da conveniência de se deixar que o escotismo continue a ter qualquer coisa de Escotismo.

Não é lícito pôr em dúvida a enorme dedicação que o Eng.º Nobre Santos tem demonstrado pelo nosso movimento, embora se possa discordar da forma como por vezes se concretizou a aplicação da sua boa vontade. Mas, a verdade, nesta hora de retirada, é que o escoteiro-chefe geral adjunto merece um sinal de gratidão pelo seu amor pelas coisas escoteiras.

Albano da Silva

Agradece-nos este prezado amigo as referências que temos feito por motivo da sua demissão do cargo de Secretário-Geral da Associação dos Escoteiros de Portugal, referências que, como é óbvio, não obedecem apenas ao vínculo da amizade, mas ao merecimento a que o teor dos altos serviços que tem prestado ao movimento ganhou jus.

Este nosso amigo pede-nos que façamos referência à contribuição que, para o bom desempenho daquele lugar, tiveram os seus auxiliares EC Justino Estêvão da Silva e Ernesto Clímaco do Nascimento, pedido que com inteiro agrado satisfazemos.



O problema das instalações dos grupos de escoteiros

Do nosso estimado amigo e assinante, sr. Fernando Gomes Carrão, admirador do movimento escotista há longos anos e reputado filatelista, cuja colecção sobre o tema «Escotismo» tem merecido elogiosas — e merecidas — referências nas exposições em que esteve presente, confia-nos a seguinte curiosa sugestão:

Penso que uma das razões fundamentais por que o escotismo não se tem desenvolvido no nosso país, para além de outros factores, será o das dificuldades materiais e, assim sendo, afasta os indivíduos bem intencionados na criação de novos grupos, porque carecem de meios financeiros para o aluguer de uma casa que sirva de sede.

Já há alguns anos apresentei a sugestão, a um dirigente escotista de que uma sede não seria difícil de conseguir-se, desde que se soubessem aproveitar determinados meios ao alcance, e hoje mais do que nunca facilitados pelo País novo que todos, ou quase todos, pretendem construir. Lembro-me que, então, embora o não tivesse feito publicamente, preconizei que se podiam e deviam aproveitar «carruagens da C. P.» depois de retiradas as respectivas rodas de ferro, as quais podiam ser colocadas em localidades onde se verificassem as tais dificuldades acima apontadas, e a decoração tanto interior como exterior seria da competência e bom gosto dos escoteiros.

Quem diz carruagens da C. P., também se podiam aproveitar eléctricos fora da circulação ou outros veículos de características semelhantes, que poderiam servir para o mesmo fim».

Fernando Gomes Carrão

Humberto Martins

Este nosso querido amigo e integérrimo escoteiro de velha data pede-nos que façamos chegar a todos os amigos o seu reconhecimento pelo interesse que têm manifestado pelas melhoras de sua Esposa, há 26 meses paralisada.

Ao dar satisfação a este pedido — a esta ordem — do nosso mui caro companheiro, fazemos votos de que um restabelecimento de sua Esposa nos proporcione o ensejo de os vermos de novo entre nós.

Comissão Nacional de Defesa e Patrocínio do Escotismo e do Guidismo em Portugal

Com o pedido de publicação, recebemos a seguinte notícia:

Está a constituir-se por elementos de todos os distritos do Continente e Ilhas, e com o seu secretariado na cidade do Porto, ao abrigo do que dispõe o artigo 199.º do Código Civil, uma Comissão de fidelidade aos Princípios Fundamentais do Escotismo, divulgados por *Le Scoutisme Mondial-Feuille d'Information, de 15-XII-969, du Bureau Mondial du Scoutisme* e que já foram reproduzidos nas colunas de *Sempre Pronto*. O objectivo último dessa Comissão, como a sua designação sugere, é impedir que os movimentos escotista e guidista venham a ser transformados em organizações juvenis de outra índole. Podem ingressar na Comissão pessoas de ambos os sexos, de maioridade, pertencendo, ou não, a qualquer associação. Contactos pelo correio, provisoriamente, para Rua Garcia de Orta, 77, Porto.

Um grupo de escoteiros portugueses da América do Norte mostra grande espírito de iniciativa

Na cidade de Fall River, no estado de Massachussetts, está estabelecida uma importante colónia portuguesa, constituída por muitos emigrantes idos em especial das nossas Ilhas.

Pois encontra-se ali a trabalhar um grupo de escoteiros, criado em 1951, de que fazem parte muitos portugueses que para ali se deslocaram, o qual se deve à iniciativa de um português — o chefe Francisco Simas.

O actual chefe do grupo é o sr. José Manuel Macedo, filho de Fernando Macedo (será o antigo chefe do grupo 80, de Ponta Delgada, Fernando Soares de Macedo?) chefe geral dos escoteiros açorianos de Fall River, sendo chefe americano o sr. Manuel Botelho.

O grupo português de Fall River obteve um grande êxito num *Camporee* recentemente realizado. Fernando Macedo ideou a miniatura de uma ponte de madeira, a construir neste acampamento, perante a qual dirigentes escotistas americanos confessaram não estar os seus grupos à altura de competir em tão arrojado trabalho. Mas os rapazes do grupo de escoteiros portugueses não se intimidaram e foram para a frente. Dado o arrojo da iniciativa, a ponte não foi construída ao fundo do acampamento, como a princípio estava projectado, mas logo à entrada.

Durante oito fins-de-semana os escoteiros do grupo português trabalharam «no duro». Foram precisos mais de 3000 metros de corda e empregada a madeira de 300 árvores. E a ponte lá está, o que espanta dirigentes americanos com mais de 25 anos de escotismo.

A obra está para durar e os escoteiros do grupo português vão cuidar da conservação da «Ponte do Bicentenário», como ela foi denominada, em homenagem à passagem da data histórica da Confederação Americana.

Pedagogos portugueses opinam sobre Escotismo

Agostinho Campos

(Professor do ensino liceal e das Universidades de Coimbra e Lisboa — Professor da Casa Pia de Lisboa)

Não é fácil crer que em qualquer país do mundo a genial invenção de Baden-Powell tenha tido menos êxito e menos irradiação que em Portugal. Criada por um colonial, com intuito colonial, a benefício do maior império colonial do nosso tempo, a instituição dos *boy scouts* conquistou a terra toda, como era de esperar no certíssimo tino pedagógico revelado na sua criação. Mas entre nós vegeta, esmagada entre a sucção das crianças pelos tentáculos do ensino livresco e o medo ao ridículo, que assalta o portuguesinho valente, janota e fino, logo aí por alturas dos seis ou sete anos de idade. Mas, será ainda valente, o portuguesinho janota e fino?...

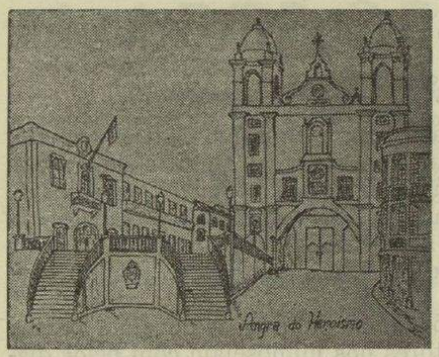
A pergunta aí fica, para entretenimento dos estudantes de costumes, queremos dizer: de maus costumes. Mas já concluiremos na fé de que talvez ainda valha a pena lutar.

Não se poderá, por exemplo, reunir um grupo de gente fina que ponha em moda, como coisa muito fina, o contacto dos rapazinhos finos ao ar livre?

O portuguesinho valente do futuro só acha fino, por enquanto, cirandar pelo Chiado, impedindo o trânsito, mal se apanha solto das aulas. E é possível que a sua valentia se esteja assim evaporando antes de tempo.

Parque de Escotismo da Caparica

Em carta dirigida ao EC Eduardo da Silva Xavier, a Junta Regional de Lisboa do CNE agradece a este dirigente escotista, por ocasião do seu afastamento do cargo de adjunto do chefe do Parque da Caparica, «todo o trabalho e entusiasmo durante estes anos no desempenho daquele cargo e toda a colaboração e camaradagem que sempre dispensou».



DOS AÇORES

Escotismo na Ilha Terceira

Reunião Solene Escotista (Eagle Scout Court of Honor)

No Salão Lisboa do Clube de Oficiais Americanos, da Base Aérea n.º 4 (Lajes-Terceira), realizou-se no dia 20 de Julho último, uma reunião solene escotista, organizada pelo *Troop I — Lajes Field-Boy Scouts of America*, em homenagem ao seu filiado, Steven R. Gray, que recebeu nesse dia a insígnia de «Escoteiro da Pátria» (*Eagle Scout*).

Dirigiu as diversas cerimónias, o novo chefe do *Troop I*, Jean C. Turgeon. Dadas as boas-vindas e feita a apresentação dos convidados e a saudação à bandeira, seguiu-se a Invocação, feita pelo padre Joseph Laplante (tenente-coronel) capelão católico do destacamento americano das Lajes.

Foi em seguida feita a apresentação do homenageado, Steven R. Gray, e de seus pais, o tenente-coronel e a senhora de Eugene T. Gray.

Depois duma breve alocução, pelo brig.-general Erskine Wigley, comandante das forças americanas dos Açores, aquele oficial procedeu à imposição da medalha de *Eagle Scout* ao escoteiro Steven Gray.

Seguidamente, o E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, delegado da Associação dos Escoteiros de Portugal nos Açores, leu a exortação própria do acto, ao novo «Escoteiro da Pátria». Depois, o mesmo dirigente dirigiu o *Eagle Scout* Steven Gray na ratificação do compromisso de honra, já na sua nova categoria.

Os convidados de honra dirigiram-se seguidamente à extremidade sul do Salão Lisboa, onde se realizou uma recepção, oferecida pelo ten-coronel Gray e Esposa, a todos os presentes, em elevado número. Como é natural, Steven Gray e seus pais foram muito cumprimentados.

Entre os convidados contavam-se as seguintes individualidades: brig.-general Erskine Wigley e esposa; coronel Carl G. Hornbuckle (2.º comandante americano) e esposa; ten.-coronel Mark Maloney (comandante da USA-TTU) e esposa; ten.-coronel Charles A. Baker (capelão-chefe do destacamento americano) e esposa; padre Joseph LaPlante (ten.-coronel), capelão católico americano e Jacinto dos Reis Moniz Silva.

A título de curiosidade, assinale-se a presença de cinco *eagle scouts* na reunião, entre eles, David B. Warner e Ron Durham.

Agrupamento 395 do C. N. E. — Angra do Heroísmo

No dia 17 de Junho p. p., dia do Corpo de Deus, realizou este agrupamento a investidura solene de aspirantes, na Sé Catedral de Angra do Heroísmo, seguindo-se a missa própria do dia e, por fim, a tradicional procissão de *Corpus Christi*.

Assistiram delegações do agrupamento 111 do C. N. E. (Base Aérea 4), e do grupo 52 dos Escoteiros de Portugal, de Angra do Heroísmo sob a direcção do E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva e do Chefe-Adjunto Ludgero Moreira.

Na sede do 395, foi servida depois uma merenda a todos os escoteiros presentes e a vários convidados, decorrendo tudo num ambiente de boa camaradagem.

Alcateia americana «Pack 1» na B. A. 4

No dia 23 de Maio findo, realizou-se na Estação Americana da B. A. 4 (Lajes), em segundo ano consecutivo, o Dia Internacional Escotista (*International Picnic*), no qual tomaram parte cerca de 50 *cubs scouts* (BSA) e 28 Lobitos do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal.

A actividade decorreu no meio de grande entusiasmo, formando-se equipas mistas, que praticaram várias modalidades de jogos, entre elas: futebol de salão, andebol, corridas de obstáculos, etc. Os mais miúdos foram levados a passear de cavalo.

A dada altura, lobitos, dirigentes e famílias, almoçaram ao ar livre, trocando-se amistosas saudações.

Dirigiram as actividades, o presidente dos lobitos americanos, capitão Romeo Stockett, e o seu adjunto, tenente Allen, acompanhado de vários membros da comissão directiva da *Pack I*. Assinalada a falta do chefe da alcateia, *SMSgt*. Eddie Wormley (ausente na Alemanha Federal, em tratamento), grande entusiasta e impulsionador destas actividades.

Jacinto dos Reis Moniz Silva

Delegado do Jornal «Sempre Pronto» na Região dos Açores

«SEMPRE PRONTO»

A presente edição deste jornal, embora tendo apenas 12 páginas, é um número duplo.

As 4 páginas em falta serão compensadas no próximo número.

A sede da Associação dos Escoteiros de Portugal mudou de local

Segundo informação que conseguimos colher, a sede dos Serviços Centrais da AEP, que desde há alguns anos funcionava no Cais do Sodré, foi mudada para a Junqueira, ou, mais precisamente, para a Travessa das Galeotas, n.º 1, também em Lisboa, onde tem o telefone n.º 639339.

Os Escoteiros da Guatemala participam na reconstrução após o tremor de terra

22 000 mortos, 74 000 feridos, mais de um milhão de pessoas sem lar e 250 000 casas destruídas, foi o trágico balanço do tremor de terra que ocorreu na Guatemala, no dia 4 de Fevereiro do corrente ano.

Graças à estreita colaboração existente entre os escoteiros da Guatemala e a Unicef, através da realização de projectos comuns de desenvolvimento, os escoteiros puderam integrar-se rapidamente nas operações de socorro, elaboradas pelas Nações Unidas e pelo Governo. O jornal londrino «The Times» escreveu:

«Desde as primeiras horas da catástrofe, a Unicef procurava leite e alimentos, no total de 1 milhão de rações alimentares ricas em proteínas. A distribuição destes víveres fez-se graças à intervenção da Associação dos Escoteiros da Guatemala.»

A exemplo de numerosas associações, os escoteiros do Canadá enviaram rapidamente tendas e equipamento. Desde o início das operações de reconstrução, os escoteiros guatemaltecos «adoptaram» uma região na província de Chimaltenango, onde 95 % das aldeias tinham sido destruídas. O custo da operação foi de 335 000 dólares. Por sugestão do seu representante na Guatemala, o pessoal do Conselho Internacional para as Migrações Europeias, com sede em Genebra, enviou um fundo de socorro no valor de 2000 dólares. A Organização das Nações Unidas para os Socorros em casos de catástrofe doou 90 000 dólares aos escoteiros da Guatemala para as reparações urgentes ou reconstrução de cerca de 25 sistemas de irrigação rural, inutilizados pelo tremor de terra. É necessário mais auxílio, pelo que as associações escotistas, que enviem directamente contribuições, devem dar nota disso ao Conselho Mundial, quer na Costa Rica, quer em Genebra.

BROWNSEA
— O DESPONTAR DE UM IDEAL

Continuação da pág. 6

Uma tarde, convidados do sr. Van Raalte, o proprietário da ilha, decidiram fazer uma inesperada visita ao acampamento. Ainda estavam bastante longe quando dois rapazes, emboscados numa moita, saltaram sobre eles e prenderam. Levados para o acampamento, os prisioneiros tiveram de pagar o resgate que lhes foi exigido...

Ao longo de todo o acampamento, B.-P. confirmou, uma vez mais, a sua extraordinária vocação para o trato com a gente nova. Eis o testemunho de Everett a esse respeito:

Parece-me que ainda o vejo (a B.-P.) *diante da chama vacilante da fogueira, silhueta direita, cheio de alegria de viver, ora sério, ora jovial, dando agora resposta a qualquer pergunta para daí a pouco imitar o cantar das aves ou mostrar como se deve seguir a pista de um animal selvagem; narrando, de repente, uma historieta, ou dançando e cantando à volta do fogo ou dando um ensinamento moral, não por meio de palavras, mas através de uma forma tão habilidosa e, portanto, tão convincente que cada um dos presentes, rapazes ou homens, sentia desejos de o seguir até onde ele os quisesse levar.*

E noutra ocasião:

Mas a mais viva lembrança que guardo disso tudo foram os fogos de conselho, antes das orações e do apagar das luzes. Ver o chefe dançar à roda da fogueira e a dirigir os coros, escutar as suas inimitáveis histórias, observar a forma pronta e surpreendente como enfrentava qualquer pergunta que lhe fosse disparada, ouvir as imitações do canto das aves e das vozes de animais selvagens, tudo isso são lembranças que hão-de ficar para sempre comigo.

E o relato de Everett da aproximação do fim do célebre acampamento também é uma prova concludente do encantamento que essa actividade provocou em cada um dos seus participantes:

A última noite do acampamento foi ao mesmo tempo alegre e triste. Alegre, pela agradável recordação das esplêndidas férias; triste, porque elas estavam prestes a acabar.

A maior impressão que trouxe comigo desse campo foi a oferecida pela maravilhosa personalidade do Chefe e a esfuziante alegria demonstrada por cada um dos que ali estiveram.

O Chefe era a vida e a alma de todos os momentos, desde o seu primeiro encontro com os rapazes na viagem para a ilha, até à altura em que ele os viu irem-se embora para suas casas. Não consigo encontrar um episódio menos feliz no conjunto de toda a vida no acampamento.

B.-P. acabava de verificar, desta forma, como as suas ideias sobre um método de educação para a juventude se mostravam válidas na prova prática a que as submetera. Doravante havia que prosseguir e rasgar os alicerces do movimento com que sonhara. Encorajado por tão belos resultados, ele ia agora dedicar-se, de alma e coração, a concretizar o projecto de um livro que pudesse servir de guia e inspiração para todos os que quisessem levar à prática o seu originalíssimo método.

Scouting for boys ia começar a surgir.

A DEGRADAÇÃO DA PALAVRA

Continuação da pág. 1

desvirtuar o conteúdo daquele. É o caso bem expressivo de Democracia, *poder do povo*. Hoje já quase ignoramos o seu real significado porque serve para rotular coisas distintas. Há a democracia popular, a democracia cristã, a democracia económica, e, até, já houve entre nós a democracia orgânica. Tudo ideias diferentes. Não se pretende mais do que beneficiar da riqueza da palavra, para, em cada caso, a sujeitar a determinado pensamento.

Os períodos de mais intensa propaganda política evidenciam bem a confusão em que se vive. Todos os sectores nos mimoseiam com belos discursos, falam-nos a mesma linguagem, forçando-nos a um esforço de subtileza para conseguir descortinar as diferenças de opinião. Ainda aqui somos servidos pelo sábio conselho de Jesus Cristo — *Pelo fruto se conhece a árvore,* formulado quando exclamava — *raça de víboras, como podeis falar cousas boas, sendo maus?*

Estes prévios considerandos aproveitam-nos muito a nós, Escoteiros, que aderimos a um Movimento que constrói seus ideais numa base de palavras que constituem a Promessa e a Lei. Temos de cuidar que as nossas falsas atitudes não tornem obsoletas as afirmações formuladas. Para que o Escotismo conserve a sua credibilidade é indispensável que os ideais do Movimento mantenham toda a sua força. A própria designação de Escotismo merece ser preservada. Cuidado com as adjectivações. Não há, não pode haver, escotismo católico, protestante, israelita, maometano, laico ou, até, socialista. Só há um Escotismo! Exactamente aquele que abraça todos e onde todos são irmãos. Esse único Escotismo possível terá de fomentar a honra e a amizade; a cortesia e a lealdade; a abnegação e o espírito de serviço, a reverência pela vida. Será essencialmente educativo, promoverá a fraternidade entre os jovens de todas as raças; colocará o rapaz em contacto com o ar livre, com a Natureza, para que revigore o corpo e o espírito. Se, no campo, levanta uma pedra e debaixo dela descobre um mundo explosivo de vida, de minúsculos seres de estrutura perfeitíssima, que nem a mais potente lupa consegue revelar em toda a sua extraordinária perfeição, reverencia o milagre da Criação. Se, à noite, em busca da Estrela Polar, se confronta extasiado com a multidão grandiosa do Universo, não pode deixar de elevar um pensamento de gratidão ao Autor do infinitamente pequeno e do infinitamente grande, exclamando com o Salmista — *os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.*

Só há este Escotismo, qualquer outro será contrafacção. Foi este que Baden-Powell criou e ganhou o entusiasmo do mundo juvenil. Tenhamos cuidado em preservar as palavras que o identificam e servem, não permitindo a sua degradação. Na certeza, porém, de que o aviltamento dos sentimentos precede a degradação da palavra.

Quando as palavras perdem o seu conteúdo é porque a hipocrisia humana já as deturpou.

Locarno, 20 de Agosto de 1976.

GLOSA de uma sextilha francesa de Paul Fort:

Se no mundo os escoteiros
dessem as mãos prontamente
(não serão eles capazes?)
que roda surpreendente
em volta de toda a terra,
exemplo pra toda a gente!

E. M.

A ARTE DE SER CHEFE

1. O ideal Escotista será apreendido e vivido, consoante for o estilo de iniciação e o aturado testemunho vivencial dos chefes. O jovem necessita de «ídolos» que admire e imite; esses modelos de humanidade, dedicação aos outros, de autodomínio, espírito de aventura e coragem, devem encontrá-los nos responsáveis imediatos. Na sua «instabilidade», sentem-se seguros na estabilidade e abertura do chefe aceite e admirado.

2. A liderança, em larga escala, é um carisma, uma vocação, uma capacidade inata para intuir, aperceber-se da atitude correcta no momento preciso, de modo a ser afectiva e efectivamente reconhecida pelos indivíduos e pelo grupo, como clarividente, leal e eficaz capacidade de «simpatia universal».

É possível e desejável desenvolver e aperfeiçoar estas disposições naturais de chefia; por meio do estudo e aplicação das leis da dinâmica do grupo, pela aprendizagem das técnicas da pedagogia activa, da participação responsável e de respeito mútuo na complementariedade dos componentes da patrulha e do grupo.

3. Conscientes de que cada pessoa é única, original, irrepetível e livre, deve evitar-se a situação dialéctica ou afectiva de súbdito-superior, sábio-ignorante, mestre-discípulo, assim como qualquer tipo de controlo manipulador; antes deve despertar-se para a consciência do papel insubstituível que cada um deve conscientemente assumir nas comunidades envolventes ou de livre escolha.

4. Despertando-os lucidamente para uma crescente responsabilidade, deve tomar-se consciência dos próprios limites e possibilidades, evitando o desespero ou optimismo infantil, abrindo-os a uma atitude realista e crítica.

5. Deve esclarecer o papel fundamental da patrulha, na realização das pessoas, enquanto se aceitam lúcida e fraternalmente, por ajustes sucessivos de interdependência, tanto na definição dos objectivos como dos meios adequados a esses fins. Mais ainda: aí devem aprender a exercer o princípio dialogal em que cada um aprende a aceitar os próprios limites e a descobrir a sua originalidade a pôr ao serviço dos outros.

6. O Chefe de Escoteiros deve, simultaneamente:

a) Ser emocionalmente estável, com real espírito de aventura, de risco clarividente, com sentido de oportunidade de actuação para inspirar audácia e realismo;

b) Ter capacidade de acolher, ouvir, promover a possível participação e, simultaneamente, exigência firme nas responsabilidades e tarefas comuns assumidas pelos indivíduos ou patrulhas;

c) Ter apurado senso pedagógico para apoiar as possíveis sugestões, intervindo o menos possível nas tarefas programadas pelas bases-patrulhas, apoiando-as firmemente para realizarem o que tiver sido decidido livre e colegialmente;

d) Saber dar claramente as verdadeiras razões de tudo o que está estatuído e das ordens que se transmitem com simplicidade e firmeza, no que seja essencial;

e) Conhecer, individualmente, pessoalmente os Escoteiros, a sua história vivida ou sofrida, a sua problemática actual, sabendo ser discreto em relação a tudo o que seja informação, especialmente se é espontânea e confidencial;

f) Saber ouvir, saber aprender e partilhar, na base da confiança mútua e na amizade sincera, exercendo as regras do diálogo franco. Chefe reconhecido e amado tem probabilidade de sucesso para tornar os jovens livres, responsáveis, confiantes, com alegria de viver, em permanente busca da identidade pessoal;

g) Ter tempo disponível, e com regularidade, para ouvir, dialogar, programar e estar discretamente presente às Patrulhas e aos indivíduos;

h) Desenvolver o espírito de observoção e de análise para exercer correctamente a responsabilidade de:

1.º Ouvir os pontos de vista diferentes, complementares ou contraditórios;

2.º Acolher a todos com amizade e interesse;

3.º Ser capaz de auxiliar a selecção das hipóteses e inventar soluções viáveis e adaptadas às circunstâncias;

4.º Ser persistente, independentemente dos resultados obtidos.

7. Para conseguir uma formação humana e religiosa sólida, para conhecer as técnicas, o seu sentido e aplicabilidade concreta, para exercer responsavelmente a ajuda na formação do carácter dos jovens, é preciso uma séria dedicação em tempo, atenção e energias. Isso supõe adesão corajosa e clarividente ao ideal de promover o crescimento qualitativo da comunidade, servindo a juventude, utilizando o método escotista que é profundamente realista e por isso eficaz na medida em que é constantemente aplicado na promoção da maturidade humana integral, intelectual, afectiva e social.

Frei Bernardo, O. P.

Inquérito de «Sempre Pronto»

Continuação da pág. 1

mente, notei a falha citada no artigo quando, após o meu regresso ao Porto, lia e ordenava as referidas folhinhas. Aguardava com uma certa ansiedade a *reacção* do «S. P.», e ela surgiu, com os pontos nos ii, como eu esperava».

Também o dirigente nortenho Arnaldo Eduardo Couto, nosso velho amigo, afirma que «o editorial «Sempre Pronto» não me pôde deixar indiferente ao tomar conhecimento de que pretendem acabar com o jornal no fim do corrente ano. O jornal tem sido um baluarte do nosso movimento e, hoje mais do que nunca, é preciso que ele viva!»

E mais adiante: «Não desanime e pense que o *Sempre Pronto* é o que ainda resta dum passado escotista que, se não foi dos melhores, foi pelo menos um escotismo que não falseou os seus princípios fundamentais. «Assim vai o Escotismo» e «Degradação?» são dois escritos que muito mereceram a minha atenção. É necessário chamar à razão aqueles que pretendem adulterar o pensamento de Baden-Powell e fazer do escotismo um arremedo. Ofereço-me, na medida do possível, para ajudar o *Sempre Pronto* nas suas dificuldades».

Um distinto dirigente da associação-irmã CNE, o EC David Pedrosa, de Vila Nova de Gaia, escreve-nos e anima-nos e incita-nos «pois a não publicação do jornal será uma das mais duras machadadas não só na AEP como no escotismo português em geral» *ao mesmo tempo que promete enviar-nos proximamente o seu depoimento sobre o nosso inquérito.*

Outro grande amigo dos escoteiros, o nosso estimado assinante sr. Fernando Gomes Carrão, distinto filatelista do tema «Escotismo», em carta dirigida a um dos nossos companheiros afirma que «pelo que lhe é dado saber, o *Sempre Pronto* vai acabar em Dezembro e assim se vai mais um elo de ligação que existia entre os escoteiros».

Eis algumas das reacções à notícia da suspensão da publicação de Sempre Pronto. *São afirmações que nos enchem de satisfação, porque elas demonstram que nem em todos os lados grassa o sentimento de ingratidão com que recentemente o nosso trabalho foi olhado.*

Aguardamos novos depoimentos, aos quais daremos a publicidade que merecerem.

SOBRE O JAMBORI NO AR...

Continuação da pág. 12

quer dúvida que surja ou ainda pedir colaboração), e uma «folha-inscrição» para mais fácil e melhor distribuição dos diversos grupos e agrupamentos pelo máximo de radioamadores e ainda que haja radioamadores interessados em participar e sem ter escoteiros para o fazer...

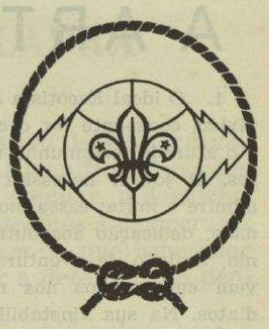
Seria do máximo interesse que todos os grupos e agrupamentos fizessem uma visita preliminar a casa do radioamador que com eles vai colaborar na participação para tomarem conhecimento com alguns dos termos usados na linguagem de rádio, assim como dados técnicos do posto (marca e modelo dos equipamentos usados, das antenas usadas, etc.), dados esses com interesse para posteriormente serem incluídos no relatório a ser enviado à Organização Nacional.

Portugal tem tido um lugar destacado no Jambori no Ar. Ajuda, portanto, a mantê-lo, colaborando e participando activamente no JOTA 76.

Rui Fernando F. T. Fonseca



VEM AÍ O 19.º JAMBORI NO AR!



Pois aí está à porta o 19.º Jambori no Ar. Mais uma vez, escoteiros e guias portugueses vão ter a oportunidade de demonstrar vitalidade, só sendo pena que essa vitalidade não seja confirmada em todos os outros capítulos do calendário escotista do nosso movimento.

Este ano, por motivos a que noutro lugar nos referimos, a organização desta actividade não começou a ser feita com a antecedência necessária. Vamos ver se a experiência e a dedicação dos responsáveis poderão suprir as carências de tempo.

Pois, o XIX JOTA vai realizar-se nos dias 16 e 17 do próximo mês de Outubro.

A Organização Nacional está assim constituída:

Organizador Nacional: Justino Estêvão da Silva, Rua 1, à Rua Bastos Nunes, n.º 2-1.º esq.º — QUELUZ.

Adjunto do O. N. para a AEP: Rui Fernando Fonseca (CT 1 HV), Bairro do Comendador Joaquim Matias, lote 45-8.º, letra A — PAÇO DE ARCOS.

Adjunto do O. N. para o CNE: João Nuno Rocha Vinhas (CT 4 CY), largo do 1.º de Dezembro, n.º 1, porta 3 — QUEIJAS *(Carnaxide)* — OEIRAS.

O Adjunto para a AEP também será contactado nos Serviços Centrais da AEP, na Travessa das Galeotas, à Junqueira, n.º 1, telefone 639339.

Frequências que devem ser utilizadas

Como está estabelecido, os contactos começam a ser estabelecidos às 0 horas de sábado, dia 16, e terminam às 24 horas de domingo, dia 17. Porém, estes limites são apenas uma sugestão, visto que qualquer estação pode escolher um horário um pouco divergente.

Os regulamentos em vigor serão escrupulosamente respeitados.

Propõe-se que a sintonização seja feita à volta das frequências escotistas mundiais oficiais, que são as seguintes:

Banda	*Fonia*	*CW*
80 metros	3,740: 3,940 kHz	3,590 kHz
40 »	7,090 kHz	7,030 »
20 »	14,290 »	14,070 »
15 »	21,360 »	21,140 »
10 »	28,990 »	28,190 »

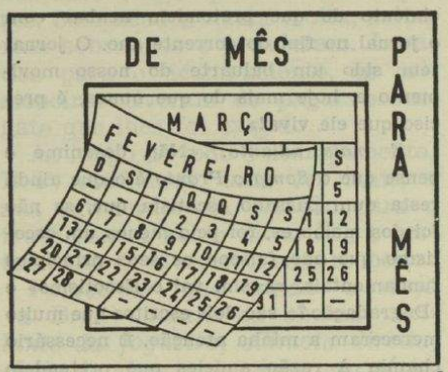
É conveniente escutar algum tempo ANTES de chamar CQ JAMBOREE, a fim de se ter a certeza de que está livre a frequência.

SOBRE O JAMBORI NO AR...

O Jambori no Ar já está *à porta*, como dito vulgar do povo. Os preparativos para a participação no JOTA 76, este ano em 19.ª edição, já começaram a ser feitos por parte de alguns grupos e agrupamentos, para que o período de 48 horas, compreendido entre as 00.01, de sábado, dia 16 de Outubro, e as 24.00, de domingo, dia 17 do mesmo mês, se tornem realmente naquilo que o espírito do JOTA pretende, ou seja um convívio fraterno de escoteiros de todos os pontos do Globo.

Como deverão os grupos participar activamente no JOTA 76? É simples: é enviada para todos os grupos e agrupamentos uma circular emanada pela Organização Nacional do JOTA em que se incluem as informações necessárias, inclusive os endereços postais para onde poderão escrever para esclarecer qual-

Continua na pág. 11



TARDE DEMAIS!



Têm-se realizado agora, em diferentes pontos do país, homenagens póstumas a figuras que não puderam receber em vida o louvor público a que tinham direito ou não houve suficiente coragem para homenagear. Compreende-se perfeitamente a iniciativa, embora tenhamos tristemente de reconhecer que os homenageados já nada ganham com isso.

Infelizmente, porém, nem sempre são circunstâncias imperiosas que impedem um acto de justiça, de gratidão, àquele que tantas vezes levou uma vida inteira devotada ao cumprimento do dever, ao serviço de uma causa ou de uma empresa, sem que uma só vez tivesse o prazer de escutar uma única palavra de aplauso, de reconhecimento, de justiça. É preciso morrer para que então todos unanimemente reconheçam os relevantes serviços prestados. O que acontece com os homens repete-se igualmente com as instituições.

É certo que quem serve generosamente uma causa não deve aguardar elogios, mas reconheçamos que uma só palavra das muitas que são proferidas junto à sepultura — tarde demais — talvez tivesse feito a felicidade daquele que se acaba de finar.

Está exactamente aí a nossa responsabilidade. Nunca devemos recusar a palavra de justiça, de gratidão, aos homens e às instituições enquanto vivem e bem servem, porque, junto à sepultura, não servem de estímulo, não aproveitam ao homenageado. Vêm tarde demais...

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
Armando Inácio

Equipa de Administração:
Capitolino Ferreira Macedo
Ernesto Clímaco do Nascimento
Luís Garcia

Número avulso: 5$00 — Assinatura anual: 60$00